



MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO TRABALHO COMPLETO PARA PÔSTER

Eixo Temático: RESISTÊNCIAS E SUBVERSÕES INVENTIVAS NO TEATRO, NA DANÇA E NA PERFORMANCE: INTERFACES ENTRE SEXUALIDADES E GÊNEROS NAS ARTES DA CENA

Quem tem medo de sapatão? Representatividade sapatão no teatro brasileiro contemporâneo

Kami Oliveira Soares ¹
Alberto Ferreira da Rocha Junior ²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados do segundo Mapeamento Sapatão no Teatro, realizado pela Plataforma Sapatão no Teatro em 2025, em diálogo com o primeiro levantamento de 2021. O estudo aborda a invisibilidade das temáticas sapatonas no teatro brasileiro e propõe reflexões sobre identidade de gênero, memória e políticas de visibilidade. A pesquisa foi realizada através de formulário online e sistematizada por quatro pesquisadoras de Minas Gerais. Os dados revelam um cenário de crescimento de rede, mas manutenção da invisibilidade estrutural. O artigo ainda discute o termo “sapatão” como identidade cultural e política que ultrapassa o binarismo de gênero.

Palavras-chave: Sapatão; LGBTQAINP+, Teatro brasileiro, Visibilidade, Mapeamento

¹ Mestrante do Programa de Pós Graduação em Artes cênicas da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ, kamicomkami@gmail.com;

² Professor orientador. Titular do Departamento de Artes da Cena e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo (2002). PPGAC - UFSJ, tibaji@ufsj.edu.br



INTRODUÇÃO

A Plataforma Sapatão no Teatro surgiu em 2021 com o intuito de pesquisar, identificar e registrar pessoas, memórias e trabalhos realizados por artistas sapatonas do teatro brasileiro. Criada pela atriz e produtora Nádia Fonseca, de Belo Horizonte/MG, a Plataforma surge a partir da quase completa ausência de registros de existências sapatonas no teatro, especialmente no Brasil. A fim de preencher essa lacuna, Fonseca realiza em 2021, através da Lei de Auxílio Emergencial Aldir Blanc (edital nº 14/2020), um primeiro mapeamento.

O mapeamento realizado em 2021 obteve 114 respostas e possuía o objetivo de entender quem são as sapatonas que fazem teatro no Brasil, onde estão, o que produzem e quais desafios enfrentam, tendo sido fundamental para tornar visível a presença dessas artistas. Porém, com o passar do tempo, surge o desejo de continuidade da pesquisa, a partir da reflexão de que um único registro não é suficiente para compreender um cenário em constante transformação.

Em 2024 me encontro com Nádia Fonseca em um trabalho que realizamos em Belo Horizonte e ela me faz o convite para integrar a Plataforma, concomitantemente a aprovação da minha pesquisa no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFSJ, onde investigo a presença sapatão nos palcos belorizontinos no século XXI. Atualmente, a Plataforma Sapatão no Teatro é composta por mim, Nádia Fonseca, Éle Fernandes e Letícia Bezamat.

Um segundo mapeamento tem início em Março de 2025, tendo sido realizado através da Lei Paulo Gustavo do Estado de Minas Gerais. O segundo mapeamento foi uma pesquisa que contou com a participação de 165 pessoas de todas as regiões do Brasil. Esse mapeamento nos permite criar uma linha do tempo e perceber as mudanças que aconteceram ao longo desses quatro anos. Ele nos ajuda a vislumbrar perguntas importantes: a presença de sapatonas no teatro cresceu? Houve mais espaço para nossas produções em festivais, editais e programações culturais? Quais desafios persistem e quais novas dificuldades surgiram? A partir disso, somos capazes de ter vislumbres de ampliação ou retrocesso da visibilidade sapatão no teatro.



O trabalho realizado pela Plataforma se dá através de uma perspectiva queer/cuir uma vez que, no que diz respeito a identidade de gênero, essa pesquisa se alinha às correntes filosóficas pós-estruturalistas que tratam identidades de gênero enquanto um produto cultural humano:

Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância - isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (BUTLER, 2003, p.44).

Nesse contexto, compreendemos como "sapatão" todas as pessoas que se identificam com esse termo, incluindo mulheres cis, mulheres trans, pessoas não binárias, transmasculinas e homens trans. Ou seja, o termo é mais abrangente que a palavra "lésbica", não sendo exclusivamente sinônimo de homossexualidade feminina, mas uma identidade cultural e política que abrange diferentes grupos. Isso se dá também pela interligação histórica entre as existências lésbicas, não binárias e transmasculinas, especialmente diante da falta de vocabulário para englobar essas experiências trans, que durante muito tempo foram interpretadas como análogas à lesbianidade. De forma genérica, essas vivências foram entendidas como "sapatão". Embora originalmente a palavra tenha sido usada como ofensa, principalmente para lésbicas butch e pessoas transmasculinas, ela foi ressignificada pela comunidade, tornando-se um termo de autoafirmação e empoderamento. Exatamente por isso, o termo foi escolhido para ser utilizado ao longo deste trabalho.³

Se a história das não binariedades, transmasculinidades e lesbianidades são tão emaranhadas é também porque a heteronorma binária mantém essas respectivas identidades em um espaço subalternizado de inteligibilidade de gênero. Essa subalternização precisa, obviamente, ser combatida. Porém, há de se prestar atenção no fato que ainda interessa a esses grupos, até certo ponto, que suas histórias

³ Para representar o plural de "sapatão" irei utilizar o termo "sapatonas" também por uma preferência expressa pela comunidade.



permaneçam conectadas, uma vez que suas respectivas lutas políticas estão, assim como as próprias identidades. A escolha por trazer uma identidade sapatão que abarca transmasculines, lésbicas e não binárias também se dá porque, com o avanço das pautas trans, diversas pessoas, assim como eu, que se identificavam no passado como lésbicas, têm passado por processos de transição, passando a se identificar como não binária ou transmasculine, sem deixar de se identificar como sapatão. Ressalto que as identidades são múltiplas e permanecem emaranhadas também no cotidiano de quem as experiencia, sendo a própria palavra sapatão utilizada para descrever a identidade de gênero de muitas pessoas. Isso se dá porque, para a comunidade queer/cuir, sapatão é uma forma de ser que ultrapassa as fronteiras entre o feminino e o masculino.

A filósofa feminista materialista Monique Wittig argumenta que a categoria 'mulher' não é um dado natural, mas uma posição relacional dentro do regime heterossexual. Para ela, lésbicas, ao se recusarem a ocupar essa posição, rompem com a definição social de 'mulher'. Esse pensamento contribui para compreender como identidades dissidentes, como a sapatoneice, emergem em resistência às normatividades de gênero e sexualidade:

Pois o que faz uma mulher é uma relação social específica com um homem, uma relação que anteriormente chamamos de servidão, uma relação que implica obrigação pessoal e física, bem como obrigação econômica ('residência forçada', trabalho doméstico compulsório, deveres conjugais, produção ilimitada de filhos, etc.), uma relação da qual as lésbicas escapam ao recusarem-se a tornar-se ou permanecer heterossexuais. Escapamos da obrigação de nos tornarmos 'mulheres' (ou seja, da heterossexualidade compulsória). Não somos mulheres. Não fomos socializadas na categoria de 'mulher' (definida como heterossexual), mas fomos, ao contrário, constituídas como 'lésbicas' (ou seja, não-mulheres). (WITTIG, 1992, p.20).

Uma das questões realizadas pelo 2º Mapeamento Sapatão no Teatro foi "Você entende o termo sapatão, como cultura/identidade? Fale um pouco sobre" e ela levantou apontamentos interessantes sobre a temática, levando ao compilado anônimo de testemunhos disposto no item 5.3.8 da análise comparativa, intitulado "Sapatão



como identidade de gênero” que nos faz perceber que ser sapatão para muitas das pessoas entrevistadas ultrapassa uma orientação sexual, se manifestando enquanto identidade. Entre eles: “Além de meramente uma orientação sexual, ser sapatão é uma forma de existir e pensar o mundo. De estar no mundo, e existir política, histórica e socialmente.” (BEZAMAT, FERNANDES, FONSECA e SOARES, 2025, p.6)

Em diálogo em Butler, compreendo aqui identidade como “instâncias provisórias e contingentes que estão inseridas em agenciamentos coletivos” que “funcionam como instrumentos e/ou tecnologias sociais na medida em que traduzem sujeitos aos sentidos sociais” (BUTLER, 2003, p.88). As identidades são, portanto, relacionais, pois só se fazem em interlocução, que também são reguladas pelo *cistema*⁴. Identidades não são fixas nem naturais, são construções fluidas que podem se alterar ao longo da vida e são válidas enquanto ferramentas para reconhecimento político e institucional também na medida em que fazem sentido para os indivíduos e agrupamentos que representam.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As respostas de ambos os mapeamentos foram coletadas pelo Google Form, e posteriormente condensadas e analisadas pela Plataforma Sapatão no Teatro.

Com o objetivo de ampliar o alcance do mapeamento, foi criada uma rede social e um site, ambos intitulados Sapatão no Teatro, através do qual respostas permanecem sendo coletadas. A análise comparativa dos dados também foi disponibilizada no site, assim como testemunhos de 17 artistas e uma página de trabalhos de temática sapatão que foram mapeados ao longo das pesquisas realizadas pela Plataforma, que também permanece recebendo indicações de espetáculos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁴ Expressão utilizada para se referir ao sistema binário e colonial de imposição e regulação de gênero.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A comparação entre os dois mapeamentos evidencia a persistência — e até o agravamento — da invisibilidade das temáticas sapatonas no teatro brasileiro. Em 2021, 49% das participantes afirmaram nunca ter atuado em produções com temática sapatão, número que aumentou para 56% em 2025. Além disso, a ausência de direção sapatona também se manteve alta: 49% das participantes do primeiro mapeamento nunca haviam trabalhado sob a direção de uma sapatona, e essa porcentagem subiu para 55% no segundo levantamento. Quanto ao acesso a obras com essa temática, em 2021, 67% nunca tinham assistido a espetáculos sapatões; já em 2025, esse dado caiu para 51%, indicando uma melhora tímida, mas ainda insuficiente. Esses números mostram que, apesar do crescimento da rede e da articulação de artistas sapatonas, suas narrativas seguem marginalizadas nos palcos, o que reforça a urgência de políticas de visibilidade, representatividade e afirmação dentro das artes cênicas.

Durante o processo de construção do meu anteprojeto de pesquisa, vivi a mesma angústia experienciada por Nádia quando propôs o primeiro mapeamento: ao buscar referências acerca da presença sapatão nos palcos, encontrei pouquíssimas. Entre elas, se encontram algumas referências dramáticas, majoritariamente de autoria de homens cisgênero, além de dolorosos relatos de invisibilidade, sejam em trabalhos acadêmicos, entrevistas, matérias ou mapeamentos. É assustador como a memória sapatão se constroi a partir de relatos sobre falta e apagamento, desde a queima do trabalho de Safo até a literal queima de pessoas sáficas durante os processos inquisitoriais vividos na Europa, no Brasil e em demais países colonizados (GRILLO, 2019, p.38)

A invisibilidade sapatão é um fenômeno global oriundo da misoginia e da heterossexualidade compulsória. O teatro, sendo um produto de seu tempo, reflete essa realidade. Segundo Adrienne Rich:

O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema (...) são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas



primeiras expressando força física, as duas outras expressando o controle da consciência feminina. (RICH, 2010, p.26)

Para transformar uma realidade fundamentada na invisibilidade e no apagamento, é imprescindível promover e discutir a visibilidade das artistas sapatonas, reconhecendo suas contribuições e narrativas como parte essencial do tecido cultural e social, uma vez que:

“durante um longo período, a lesbianidade foi tratada como um apêndice da homossexualidade gay, um quase sinônimo. Isso gerou um apagamento da existência lésbica nas produções acadêmicas. Esse fator contribuiu especialmente no processo de invisibilização da lesbianidade e também na publicação de trabalhos que tratam dessa experiência de forma enviesada, na medida em que falam a partir de um olhar masculino, presente na maioria das produções sobre homossexualidades, que não captura as especificidades do universo lésbico.” (BRANDÃO, 2018, p.137).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grada Kilomba aponta que o silenciamento de populações marginalizadas no que diz respeito à produção de conhecimento e autoria é também uma estratégia de manutenção de poder dentro de uma sociedade racista e heterossexista. Através da reconstrução histórica de narrativas de sujeitos marginalizados se torna possível quebrar o silêncio e nisso se justifica a relevância do mapeamento. Ouvir e valorizar as vozes das artistas sapatonas que estão ativamente contribuindo para o cenário teatral contemporâneo não apenas é crucial para a construção de um registro histórico preciso e abrangente da atualidade, mas também para revisar e resgatar a história apagada dessa população na cena. A escassez de trabalhos publicados sobre o tema evidencia a urgência dessa ação: “Quem pode falar? O que acontece quando falamos? “Sobre o que podemos falar?” (KILOMBA, 2019, p.40). Esse pensamento me conecta ao trabalho de Audre Lorde, que pensa os espaços de marginalidade como uma potência geradora de



novas formas de existência. Assim, ser sapatão é habitar a fronteira entre exclusão e possibilidade radical. A autora reflete:

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo. (LORDE, 2019, p.52)

É urgente traçar uma narrativa de visibilidade capaz de enfrentar o silenciamento imposto às pessoas sapatonas. Através disso, é possível projetar estratégias coletivas de reação e enfrentamento.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Simone. Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade. *Dossiê*, v. 4, n. 2, abr.-jun. 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FONSECA, Nádia Natielle. *Mapeamento Sapatonas no Teatro*. 2021. Acervo pessoal da autora.

FERNANDES, Éle; BEZAMAT, Letícia; FONSECA, Nádia; SOARES, Kami. *Sapatão no Teatro*. Disponível em: <https://www.sapataonoteatro.com.br/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GRILLO, Camila Karla. *A visibilidade lésbica nos espetáculos teatrais da cidade de São Paulo/SP entre 2012 e 2018*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.



KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider.* São Paulo: Autêntica, 2020.

MOTTTER, Julianna Paz Japiassu. *Ética sapatão: por uma ética fora do CISTema.* *Revista*, v. 20, n. 1, jan.-abr. 2024.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.* *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 2012.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.